

FOLKCOMUNICAÇÃO E DECOLONIALIDADE NA REDE VEREDAS DE ARTISTAS E EDUCADORES DECOLONIAIS¹

Jessica Allana Grossi²
Karina Janz Woitowicz³

RESUMO:

Os fundamentos epistemológicos da Folkcomunicação e da Decolonialidade apresentam possibilidades de diálogo e aproximações. A Decolonialidade, ao problematizar os subalternizados/colonizados e os sistemas geradores de opressão, encontra os grupos marginalizados da Folkcomunicação e suas práticas informais de resistência. Para discutir este aspecto, o artigo traz como exemplo, através da pesquisa quantitativa e uma breve análise qualitativa, uma iniciativa realizada pelo veículo de jornalismo cultural *Nonada Jornalismo* - organização de cultura, jornalismo e educação pelo viés decolonial, que consiste na disponibilização de um mapa de fontes (Rede Veredas). O objetivo é demonstrar, através da iniciativa do Nonada, que os artistas e educadores decoloniais reproduzem em seus discursos elementos que se identificam com a folkcomunicação.

PALAVRAS-CHAVE:

Folkcomunicação; Decolonialidade; Nonada Jornalismo; Cultura.

INTRODUÇÃO: CONTEXTO E BASES CONCEITUAIS

A Folkcomunicação, teoria desenvolvida pelo pernambucano Luiz Beltrão nos anos 1960, encontrou um cenário de pesquisas em comunicação centradas no norte global, mais precisamente nos Estados Unidos e na Europa. Naquela época, haviam três elementos já estabelecidos teoricamente pelo conhecimento hegemônico. *Colonialidad del saber, colonialidad del ser e colonialidad del poder* (Villanueva, 2018) e todas as

¹ Trabalho apresentado para o GT – 1 Diálogos e Fundamentos Teóricos da Folkcomunicação, integrante da programação da 22ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação – Folkcom 2025, realizado de 29 a 31 de outubro de 2025.

² Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestranda em Jornalismo, Graduada em Jornalismo. Contato: jessicaallanagrossi@gmail.com.

³ Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutora em Ciências Humanas. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. Contato: karinajw@uepg.br.

teorias científicas hegemônicas da comunicação de massa do período descendem destes três eixos.

É também nos anos 60 que as pesquisas que questionam a dominação social, econômica e cultural ganham fôlego, culminando na Teoria da Dependência desenvolvida nos anos 1970 por teóricos da América Latina (Mattelart, 2017). A formulação de um pensamento crítico, aliada à busca por alternativas para romper com o poder hegemônico, constituem esforços importantes mobilizados pelos teóricos da época, a exemplo dos conceitos de mediações (Martín-Barbero, 2003) e de frentes culturais (González, 2016), elaborados na década seguinte.

Conforme Restrepo (2015, p. 24), os estudos culturais elaborados na América Latina contemplam vozes e perspectivas “marginais”: “as diferenças de classe, raciais, de gênero, geracionais, institucionais e de lugar contam e são significativas em termos intelectuais e políticos”.

Entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, um coletivo de intelectuais latino-americanos, conhecido como Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C) aprofunda o pensamento crítico formulado a partir da região e centra suas análises na perspectiva pós-colonial. Segundo Luciana Ballestrin (2013, p. 89, o grupo “atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferece releituras históricas e problematiza velhas e novas questões para o continente”. Teóricos como Walter D. Mignolo, representante deste movimento responsável pelo chamado ‘giro decolonial’ discutem a colonização epistemológica que interessa às ciências (Veiga; Morais, 2021) e a forma de se adquirir conhecimento. Para o autor, “*la descolonialidad es la necesaria respuesta tanto a las falacias y ficciones de las promesas de progreso y desarrollo que conlleva la modernidad, como a la violencia de la colonialidad*” (Mignolo, 2014, p. 24).

A epistemologia decolonial, portanto, alinha-se ao reconhecimento de sistemas e de relações de poder e de violência que incidem sobre os sujeitos, promovendo o repensar sobre a sociedade, a cultura e o fazer científico. Conforme defende Villanueva (2018), é necessário um confronto do pensamento hegemônico que vem de uma forma imposta e um questionamento sobre o modo de estabelecer o conhecimento hegemônico.

O olhar sobre as hegemonias no processo de construção do conhecimento por um lado e, por outro, a valorização dos saberes populares, pode ser entendido como um dos pontos de conexão entre o pensamento decolonial e a folkcomunicação, que contribui para lançar

outras perspectivas para o campo da comunicação. Em seu livro *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*, Luiz Beltrão fala sobre a comunicação de massa e crítica a visão, imposta à época, de que a comunicação é feita através do emissor, que fala enquanto o receptor apenas escuta, em um processo unilateral (Beltrão, 1980). Para o pesquisador, toda comunicação é composta por um diálogo e essa foi a base para o surgimento da Folkcomunicação como uma alternativa às pesquisas de comunicação de massa.

Os agentes-comunicadores de Luiz Beltrão, por estarem excluídos do sistema comunicacional formal, elaboram meios e processos de comunicação através das suas vivências, experiências e necessidades (Beltrão, 1980). Eles integram um sistema complexo de comunicação direcionado à comunidade em que participam e essa forma de comunicação não poderia ser compreendida pelas teorias de comunicação de massa hegemônicas criadas por pesquisadores que olhavam os Estados Unidos e a Europa como modelos.

Na teoria beltraniana (Beltrão, 2004), ganha espaço o caráter de contestação presente nas mensagens dos grupos em situação de marginalidade, que na formulação do autor podem ser identificados como grupos rurais, urbanos e culturalmente marginalizados. Quanto a esta última definição, mais apropriada aos propósitos deste artigo, os grupos “constituem-se de indivíduos marginalizados por contestação à cultura e organização social estabelecida [...]” (Beltrão, 1980, p. 103).

Além da comunicação, a decolonialidade se relaciona também com a educação devido ao seu caráter de emancipação. É através da educação que podemos alcançar a libertação dos oprimidos (Freire, 1968). Ou, para usar a expressão que orienta o presente estudo, dos colonizados. Pensando nesta questão, este artigo traz como exemplo, através da pesquisa quantitativa e uma breve análise qualitativa, uma iniciativa realizada pelo veículo de jornalismo cultural Nonada Jornalismo - Organização de cultura, jornalismo e educação pelo viés decolonial.

O objetivo do artigo, além de realizar a discussão teórica sobre as aproximações entre a Folkcomunicação e a Epistemologia Decolonial, é também demonstrar, através da iniciativa do Nonada, que os artistas e educadores decoloniais reproduzem em seus discursos elementos da folkcomunicação, mesmo que não se reconheçam como agentes folk comunicadores ou se declarem como tais.

REDE VEREDAS DE ARTISTAS E EDUCADORES DECOLONIAIS

IMAGEM 1. Banco de fontes da Rede Veredas



Fonte: Print de tela da Rede Veredas

O site Nonada Jornalismo foi fundado em 2010 e desde então é uma organização sem fins lucrativos que articula cultura, jornalismo e educação como pilares para suas reportagens culturais e projetos culturais. A concepção do veículo de cultura é a mais ampla e plural possível, tendo como destaque nas suas pautas de cobertura nacional os povos originários, cinema, literatura, políticas culturais, culturas populares, comunidades tradicionais, memória e patrimônio, além de abordar as mudanças climáticas.

Dentro do site Nonada⁴, existe o Nonada Lab onde são postados os projetos socioculturais e educacionais do veículo de jornalismo cultural. Estes projetos são

⁴ Disponível em: <https://www.nonada.com.br/>

especializados em educação e cultura, em diversos formatos. São projetos com data de início e data de finalização, que são inscritos em editais. Atualmente há 11 projetos publicados no site e um deles é o Rede Veredas de Artistas e Educadores Decoloniais⁵. Trata-se de um banco de fontes para pautas sobre cultura e educação com viés decolonial. Na Imagem 1, a seguir, é possível observar o modo de consulta às fontes e a representação do trabalho em rede promovido pela iniciativa.

No subtítulo *Sobre*, o veículo de comunicação diz que a Rede Veredas é uma rede de artistas e educadores “interessadas e interessados em uma perspectiva centrada no sul global, com interseccionalidade em questões de gênero, raciais, geográficas e outras questões sociais e identitárias” (Nonada, 2025).

Artistas e educadores(as) inscritos(as/es) têm seu trabalho divulgado no mapa e também integram um grupo de whatsapp. Ao todo, foram encontradas 135 fontes decoloniais que integram o mapa. Como linha editorial, o Nonada Jornalismo declara que:

Desde 2010, busca ecoar com viés decolonial as múltiplas vozes que formam a cultura brasileira, com enfoque em pautas sobre processos artísticos, políticas culturais, comunidades tradicionais, culturas populares, censura e direitos humanos, memória e patrimônio. (Nonada, 2025).

Para se inscrever na Rede Veredas é necessário que o(a) artista ou educador(a) insira seus dados de atuação como região, um pequeno currículo e também responda a seguinte pergunta: “Conte um pouco sobre o que é decolonialidade para você e como aborda essa temática no seu trabalho”. Para a observação da base de dados, buscou-se identificar nas respostas se haviam elementos da folkcomunicação, com base nos fundamentos explicitados no trabalho de Beltrão (1980): 1) A comunicação precisa ser um resultado artesanal do agente-comunicador; 2) A difusão acontece horizontalmente; 3) Linguagem e canal familiar à audiência.

Para tal, contabilizamos as palavras utilizadas nos discursos, em busca de expressões relacionadas à folkcomunicação que remetem a temas, agentes e práticas. A palavra cultura foi utilizada 47 vezes nos seguintes contextos: valorizar nossa cultura e nosso território; cultura afrocentrada; culturas oprimidas; contracultura; produzir cultura.

⁵ Disponível em: <https://nonada.com.br/redeveredas/>

A palavra povo foi utilizada 34 vezes nas 135 respostas. O seu contexto de utilização foi em relação aos seguintes aspectos: diversidade; propiciar protagonismo aos grupos sociais silenciados; singularidade daqueles que passaram por processos colonizadores.

Sobre a prática, citada 28 vezes nos discursos, e o processo, citado 27 vezes, os(as) artistas e educadores(as) decoloniais ressaltaram que: é necessário estar atento às práticas; práticas de ensino; prática de desconstrução; processo criativo; processo de letramento; singularização de processos.

Também merece destaque a identificação dos sujeitos com base em determinados marcadores sociais. No mapa de fontes do projeto, constam 29 citações referentes a pessoa negra, 29 a indígena e 25 menções a mulher. Este aspecto indica que a arte e a educação promovida pelos(as) integrantes da Rede Veredas está sendo direcionada a estes sujeitos, fortalecendo o protagonismo de grupos historicamente marginalizados.

A atuação das fontes está associada às seguintes respostas, que indicam suas áreas temáticas e de pertencimento: contações de histórias com protagonismo negro e referências negras para a infância; população negra; narrativas negras diaspóricas, de povos originários e da diversidade de gênero; literaturas indígenas e africanas; parceria com artistas diversos, negros, mulheres, indígenas; protagonismo do povo preto e indígena, a partir de suas considerações e fazeres; opressão a minorias; mulheres trans marginalizadas; mulheres na América Latina.

RESULTADOS: EXPERIÊNCIAS DE AGENTES CULTURAIS

Os dados quantitativos possibilitam uma leitura qualitativa através dos princípios elencados no trabalho de Beltrão. É possível perceber que a comunicação realizada por esses agentes-comunicadores que, através da arte e educação, mobilizam suas comunidades, é resultado de um trabalho artesanal. O texto a seguir ilustra as escolhas em torno do trabalho de formação e o caráter de engajamento com as lutas sociais no discurso de uma produtora cultural dedicada à valorização da cultura negra (Makeda):

De maneira ativista, abordo essa perspectiva em meu trabalho como artista e produtora cultural a partir da valorização e disseminação da tradição do pensamento, culturas e práticas negras, seja divulgando

obras artísticas que denunciam o silenciamento e apagamento de manifestações culturais negras, seja evidenciando amplamente sonoridades (como o Afrobeat, o Afro House e o Kuduro) que não fazem parte da doxa que naturaliza alguns estilos musicais, enquanto que exotifica esses outros, ou ainda, como produtora cultural, questionando narrativas universalizantes em espaços que atuo como agente de capacitação e formação, possibilitando a formulação de novas perguntas e, por consequência, a possibilidade de novas respostas. (Makeda, Rede Veredas, 2025)

É possível também perceber que a difusão do trabalho decolonial acontece horizontalmente através dos artistas e educadores, como dito, por exemplo, pela artista preta Andrea Mendes, em discurso em terceira pessoa.

Nas práticas curatoriais multidisciplinares, vem desenvolvendo dispositivos de aprendizado coletivo com foco em processos de difusão e produção de conhecimento em uma perspectiva decolonial. Em 2016 fundou o Coletivo de Artistas Pretas inCorporações, reunindo artistas negras emergentes da região sudeste, com o objetivo de potencializar as produções, pesquisas e processos criativos visando promover a arte contemporânea feminina. (Andrea Mendes, Rede Veredas, 2025)

Sobre a linguagem e o canal familiar à audiência é possível aferir que educadores e artistas, através do seu discurso, divulgam termos específicos conhecidos pelos grupos que atuam e utilizam os canais que mais se aproximam das populações a que se destinam. É o caso, por exemplo, da atuação de Ademas Pereira da Costa, mais conhecido como Dimas.

Do nosso chão, desse barro, que dá forma e liberta a escrita das amarras caligráficas, de qualquer pretensão totalizante para a história. Ser decolonial é perceber as divindades nas pequenas coisas, os mensageiros do tempo nas histórias vividas por cada pessoa. E é assim que venho trabalhando, pela redescoberta, pelo desvio das linhas da história. Para não se contar uma história única, para não se correr o perigo de aceita-la como versa de cambona Chimamanda, fiz a minha cidade de terreiro para buscar com nela o que se fez esquecimento pelo poder da especulação imobiliária em Niterói. (Dimas, Rede Veredas, 2025)

Os exemplos mencionados constituem parte das experiências registradas no mapa de fontes da Rede Veredas e contribuem para ilustrar o modo como os(as) agentes - pessoas que pertencem a determinado grupo e utilizam a cultura e a comunicação como forma de fortalecimento de comunidades e coletivos - atuam como líderes folk,

valorizando saberes populares e fortalecendo a relação com uma audiência interessada em questionar as formas hegemônicas de pensar e de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os folkcomunicadores, segundo Beltrão (1980) podem acessar canais “indiretos e industrializados”, viabilizando processos de comunicação em diferentes fluxos. No caso do Nonada Jornalismo, um site voltado à cultura com viés decolonial, pode-se dizer que o espaço possibilita interações com diferentes grupos e culturas. A criação de um banco de fontes Decoloniais de todo o Brasil auxilia não só a propagar a Epistemologia Decolonial, sustentada na ideia de que o Sul Global importa e produz conhecimento, mas também a disseminar grupos rurais marginalizados, grupos urbanos marginalizados e grupos culturalmente marginalizados através dos agentes-comunicadores que trabalham com a divulgação artística, com a produção de arte e com a educação formal e informal.

Neste momento, há 135 fontes decoloniais registradas na base de dados da Rede e pudemos perceber, através da análise do conteúdo coletado, que as fontes estão alinhadas com os três fundamentos da folkcomunicação aqui destacados: horizontalidade da comunicação; comunicação como um processo artesanal; linguagem e canal familiar à audiência.

A inserção destes agentes em um banco de fontes divulgado na internet possibilita que elas sejam localizadas e difundidas, o que antes poderia acontecer de forma mais limitada devido à sua marginalização geográfica, econômica ou cultural.

Também devemos considerar que, assim como Quijano aponta em seu conceito de patrón colonial de poder, a matriz colonial de poder acarreta em “controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade” (Mignolo, 2017, p.5). Uma das formas de se desvencilhar da dominação do sistema é justamente incorporar elementos voltados à valorização das resistências presentes nas práticas cotidianas, em sintonia com os pressupostos da folkcomunicação.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, vol. 11, 2013. p. 89-117. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004.

Acesso em 10 jul. 2025.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

_____. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. Cortez Editora: 1980. 280 p.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**. 11ª edição. Editora Paz e Terra. 1968.

GONZÁLEZ, Jorge A. **Sociologia das culturas subalternas**. Curitiba: Appris, 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.